

Resenha

O fim do Brasil

ROBERTO CARLOS DOS SANTOS

Mestre em História Social - UFU

E-mail: profrcsantos@yahoo.com.br

MEDEIROS, Lívio Soares de. **O fim do Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2020.



O fim do Brasil (2020) é a oitava publicação em livro do escritor Lívio Soares de Medeiros e compõe-se de 84 poemas distribuídos em cerca de 130 páginas. A leitura da obra é impactante na medida em que os poemas dissecam a desastrosa conjuntura política instalada no país, desde o tempestuoso momento em que o Brasil dobrou à direita, em 2016, com um golpe de Estado *sui generis* em desfavor da presidente eleita democraticamente, Dilma Rousseff. Os bastidores desse evento traumático para a democracia brasileira foram articulados sob a liderança do próprio vice-presidente da República, Michel Temer. Nessa atmosfera política soturna e tenebrosa, foram gestadas as condições necessárias para a extrema direita, “capitaneada” por Jair Bolsonaro, vencer as eleições de 2018, numa crescente onda de retrocesso democrático e degradação política. Desde o fatídico golpe à brasileira de 2016, empreendeu-se uma cruzada contra os direitos das classes trabalhadoras. Bolsonaro, a partir de 2019, adota como método de um governo obscurantista o assédio institucional. Os poemas de Lívio Soares de Medeiros perpassam todo esse contexto melancólico do Brasil contemporâneo e ajudam no entendimento sobre o bolsonarismo como movimento e suas respectivas representações e como forma de governo cujos mecanismos restringiram sobremaneira a participação política da sociedade civil. A leitura de *O fim do Brasil* auxilia na compreensão de um momento político profundamente perigoso para a democracia brasileira. Pode-se enumerar uma infinidade de situações que diagnosticam os efeitos catastróficos do autoritarismo bolsonarista e da nova direita filo-fascista no Brasil sobre a coletividade e mesmo sobre os projetos existenciais de cada um de nós. Nesse sentido,

citaremos algumas evidências que refletem a desconstrução das práticas democráticas em andamento no país: os movimentos sociais sofrem inflexões inimagináveis, os direitos humanos são conspurcados diariamente, a política externa apresenta-se como uma forma rudimentar de diálogo no concerto das nações, a religião foi apropriada e instrumentalizada por uma retórica governamental populista e neoconservadora, a liberdade de expressão da imprensa é reprimida, a agenda econômica neoliberal é reforçada, políticas públicas educacionais, trabalhistas e previdenciárias são desmontadas, as Forças Armadas retornam à política ocupando mais de seis mil cargos no governo, os precariados¹ e os “nanoempreendedores de si mesmos” proliferam pelo país, a política é negada como ação coletiva pela retórica bolsonarista, há uma romantização do passado da monarquia e da ditadura civil-militar criando uma enorme insegurança existencial nos setores mais intelectualizados e críticos do país, a difusão de narrativas de uma suposta hegemonia esquerdista com pautas identitárias é encampada por pastores evangélicos e católicos reacionários, usa-se cotidianamente a contrapublicidade ou “performatividade disruptiva” para chocar de forma intencional o público-alvo, promove-se a disseminação de *fake news* e mensagens negacionistas por atacado visando a interferir na opinião pública e a desestabilizar instituições e valores democráticos vigentes no país etc.

A variedade temática dos poemas, elaborados sem a preocupação com as amarras da métrica, revela um autor interessado nos grandes temas do Brasil. O racismo, a reflexão sobre a mitologia do caráter nacional brasileiro, os autoritarismos institucional e privado, a construção da identidade nacional e a perpetuação de posturas conservadoras e reacionárias no país são objetos privilegiados em uma poética crítica e profundamente engajada com os grandes dilemas da sociedade brasileira contemporânea.

O fim do Brasil repercute uma poesia reflexiva, questionadora e com relances de experimentalismo sobre violência digital, *fake news*, pós-verdade, precarização das condições de trabalho na contemporaneidade, eugenia, aceleração desenfreada do cotidiano, misoginia, sexualidade, questões ambientais, preconceitos raciais, aporofobia², violência doméstica, disciplina militar, despolitização, entre outros. Essa variedade de assuntos torna a leitura agradável e revela um poeta lutador, consciente e lúcido, apesar das temporalidades fugidias e líquidas. Com o refinamento da palavra em

¹ Precariado é um conceito do intelectual canadense Guy Standing (*O precariado e a nova classe perigosa*, 2013), que Ricardo Antunes (*O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*, 2018) retoma e reatualiza de forma crítica como apenas uma parcela do proletariado contemporâneo.

² Aporofobia é o medo e o ódio aos pobres, excluídos, sem-lugar, marginalizados e estigmatizados, segundo Adela Cortina. A autora verticaliza as reflexões sobre a invisibilidade dos pobres como patologia social, os discursos e crimes de ódio ao pobre, a xenofobia, a consciência sobre a miséria e a caridade, os caminhos para erradicar a pobreza e a hospitalidade cosmopolita como exigência ética do acolhimento.

forma de poesia, o autor interroga a “sociedade do cansaço”³ como sujeito histórico e como intelectual.

Em seu conjunto, o livro revela uma profunda reflexão sobre a condição humana, as agruras existenciais dos brasileiros e a resistência ao obscurantismo nefasto da era Bolsonaro. Os poemas são dispositivos de enfrentamento dessa onda de alta voltagem conservadora e, muitas vezes, reacionária. As sinucas do cotidiano dos trabalhadores brasileiros requerem um enfrentamento sistemático pela linguagem e por todas as outras formas possíveis de luta, contado com a sinergia de todos os sujeitos marginalizados, como mulheres, estudantes, negros, indígenas, comunidade 2SLGBTQQIA+⁴, imigrantes etc. Assim, a poesia performática, o grito de revolta e a forma direta e incisiva como o autor apresenta suas mensagens políticas tanto na superfície quanto no âmago dos seus poemas permitem-nos enxergar uma relação dialógica com a poesia feminina contemporânea:

Nesse contexto, o corpo e sua fala ganham terreno progressivamente: o corpo – seus direitos, seus sentidos, seu alcance – se expressa sem muitas voltas, numa dicção direta, talvez, até agressiva, mas sempre procurando novos instrumentos de linguagem, métodos criativos, a garganta profunda da poesia (HOLLANDA, 2021, p. 27).

Lívio Soares de Medeiros tem o mérito de perpetuar a tradição de grandes poetas na cidade de Patos de Minas (MG), como Altino Caixeta de Castro (Leão de Formosa), Maria Esther Maciel, Ricardo Rodrigues Marques, Wilson Pereira e Agenor Gonzaga. O autor apresenta uma poesia moderna, destituída da preocupação com a métrica e com a rima. Todavia, os textos caracterizam-se pela sonoridade, cadência e ritmo. Explora-se também a valorização das metáforas com imagens impactantes e a transmissão de mensagens concisas. O domínio pleno da linguagem e dos recursos da escrita poética permite que o autor elabore textos capazes de atizar a imaginação de quem lê. É uma poesia escancarada que não se esconde subliminarmente na fluidez ou na flutuação. Alguns poemas são construídos com imagens e ambiências corriqueiras e familiares, o que facilita sobretudo o entendimento do leitor. São poesias que podem ser

³ Sociedade do cansaço é um conceito elaborado por Byung-Chul Han, que revela, neste início do século XXI, homens e mulheres reféns da disciplina organizacional e tecnológica degradante. Nesse sentido, a ideologia da positividade (“*Yes, we can*”) introjeta nas pessoas a autovigilância e autopunição resultando em doenças como *burnout*, depressão, transtornos de personalidade etc (HAN, 2015).

⁴ 2SLGBTQQIA+ apareceu nas redes sociais do primeiro-ministro canadense Just Trudeau, em 4/10/2021. O significado das letras é o seguinte: 2S: Dois espíritos; L: Lésbicas; G: Gays; B: Bissexuais; T: Transexuais; Q: Pessoas que estão se Questionando; Q: Queer; I: Intersexo; A: Assexual; +: Outros. Dois espíritos é uma expressão que alguns grupos indígenas da América do Norte usam para se referir à população LGBT. “Eles dizem que os LGBT têm dois espíritos, o espírito de homem e o de mulher; isso não é algo que foi discutido pela comunidade, é algo local”, diz Renato Viterbo - vice-presidente da Associação Parada LGBT+ de São Paulo. Disponível: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/10/07/novas-letras-conheca-a-sigla-2slgbtqqia-que-justin-trudeau-do-canada-usa-em-seus-textos.ghtml>. Acesso em: 15.10.2021.

faladas, compostas por um fluxo ágil, porém reflexivo. Há poemas capazes de deixar o leitor desconcertado pela sinceridade de uma escrita que rejeita exposições ambíguas e apresenta corajosamente uma realidade para ser lida, ainda que desconfortável.

O livro compõe-se de textos combativos e engajados numa clara proposta de questionamento político-institucional. É uma poesia do tempo presente intrigada com a política brasileira, buscando descodificar as alianças que sustentam o governo escatológico de Bolsonaro, marcado por suas aproximações ideológicas com o integralismo brasileiro. Há, no Brasil, uma tradição do uso da poesia como resistência ao autoritarismo. Durante a ditadura civil-militar (1964-1985), era comum a distribuição e venda de poesias mimeografadas ou impressas artesanalmente em prensas rudimentares, em barzinhos, em filas de cinemas e teatros, em universidades, em praças e em eventos culturais. Lívio Soares de Medeiros flerta com essa poesia marginal⁵. Entre piscadelas, aproximações e distanciamentos, é possível reconhecer na sua escrita alguns atributos do estilo da geração mimeógrafo: eco da voz das minorias, humor, ironia, produção artística “fora do sistema”, linguagem espontânea e com traços de oralidade, sarcasmo, gírias, inconformismo com censura e repressão, proposta inovadora e contrária à rigidez das convenções artísticas etc. São textos de resistência, empatia com grupos de maiorias minorizadas e luta pela salvação da vida que se degrada online, em rede. Há nos poemas uma assertiva interpelação ao mundo, aos equívocos da sociedade contemporânea, aos ressentimentos e recalques da nação brasileira, de onde o autor extrai a robustez de sua poesia. Alguns poemas convidam o leitor a escutar a paisagem sonora do seu entorno e a atentar para o acúmulo de temporalidades nos sobressaltos diários. A obra em análise apresenta uma tendência a se colocar como mediadora entre o sujeito e o mundo, voltada mais para o presente do que para o passado ou para o futuro.

A leitura de *O fim do Brasil* evidencia uma infinidade de representações da aceleração cotidiana, sem perspectiva de se reduzir essa velocidade inebriante. O livro revela o quanto o ritmo vertiginoso da sociedade contemporânea impede a nossa compreensão sobre o sentido das coisas ou dos acontecimentos. A nossa condição de peregrinos atentos aos caminhos ou de caçadores que observam detalhadamente pistas e sinais foi substituída pela condição de um turista insano, preocupado apenas com as fotografias para as redes sociais e com os *souvenirs* decorativos. Essa postura cria uma espécie de vácuo desconectado do passado e do futuro. Não é possível produzirem-se e reverenciarem-se memórias, elaborarem-se projetos pessoais de desaceleração ou criar-se um outro tempo alternativo. Nada tem conclusão. Nesse frenesi, tanto no ambiente de trabalho quanto no tempo de lazer, somos acossados ininterruptamente pelo mundo do desempenho, das metas, da produtividade, da remuneração variável e das nossas próprias cobranças e inquietações.

⁵ Geração Mimeógrafo ou Poesia Marginal foi um movimento artístico (literatura, música, cinema, teatro e artes plásticas) brasileiro, iniciado na década de 1970, inspirado na ideia da contracultura para enfrentar a censura e a atmosfera repressiva da ditadura civil-militar (1964-1985). Os textos eram produzidos artesanalmente, em regra, em mimeógrafos e negociados em universidades, cinemas, teatros etc. Esse movimento possibilitou o surgimento de grandes poetas como Chacal, Cacaso, Paulo Leminski, José Agripino de Paula, Waly Salomão, Francisco Alvim, Ana Cristina César e Torquato Neto.

O poema “Contagem” (p. 9-34) abre o livro *O fim do Brasil* como um manifesto de repulsa às conspirações odiosas à verdade propagadas nas redes sociais e apropriadas pelos processos políticos reacionários como instrumentos partidários e ideológicos. O autor utiliza a famosa frase do ministro da propaganda de Hitler, Joseph Goebbels (1897-1945), “uma mentira contada mil vezes torna-se verdade” como referência para manifestar seu desconforto com a proliferação das *fake news* ou *hoaxes*. O impacto das notícias falsas recai sobre as pessoas, produzindo riscos à saúde, interferência em eleições e desinformação geral a respeito da ciência. No período da pandemia, a disseminação de *fake news* tornou-se uma “infodemia”, segundo Tedros Adhanom (OMS). Atualmente, o volume e a velocidade de propagação das notícias falsas são avassaladores, independentemente dos assuntos. Segundo a reconhecida jornalista Patrícia Campos Mello,

[...] fake news circulam com muito mais velocidade que as notícias verdadeiras. Segundo um estudo do Massachusetts Institute of Technology, notícias falsas têm probabilidade 70% maior de serem retuitadas do que as verdadeiras. E as notícias verdadeiras levam seis vezes mais tempo que as fake news para atingir o número-padrão de 1500 pessoas. Ou seja, desmentir notícias falsas é enxugar gelo. Como fazer a checagem de fatos viralizar tão rápido quanto as notícias falsas é a pergunta de 1 milhão de dólares, diz Cristina Tardáguila, diretora-adjunta da Rede Internacional de Checagem de Fatos. Os checadores estão testando diversas estratégias para tornar as correções de boatos mais viralizáveis. Quando um influenciador digital compartilha uma checagem, por exemplo, viraliza muito; também estamos tentando novos formatos, não dá para a checagem ser só em texto, estamos usando áudios, cartuns e vídeos, ela contou (MELLO, 2020, p. 239).

No poema “A invasão” (p. 35), o autor apresenta a subversão à lógica do descobrimento oficial do Brasil e, diante desse encobrimento, sugere que deixemos os povos originários contarem as suas histórias. Aqui, já se percebe a ideia de violência simbólica que irá trespassar boa parte da obra. A reflexão sobre o conceito de violência precisa ser atualizada continuamente, diante de novas perguntas, novos objetos e novas abordagens das nossas experiências.

O autor identifica e aponta a irracionalidade e a escatologia brasileiras em alguns poemas, logo no início do livro. Em “Um” (p. 36) e em “Azul e amarelo” (p. 37), a lista de atitudes irracionais dos integrantes do governo federal aproxima-os da escatologia e da psicose. No país, perderam-se as noções de sensatez e pudor. A ideia do absurdo é recuperada para além de uma estética acolhedora em termos de potencialização do imaginário. O absurdo, aqui e agora, é a antiarte, a anticiência e o antifeto. Dissemina-se o ódio ao pensamento, redimensiona-se o campo de atuação do sujeito e tenta-se expurgar quaisquer formas de resistência. O poema “Onde o país?” (p.

38) recupera o debate sobre o patrimonialismo que confunde os interesses públicos e privados. Como disse Sérgio Buarque de Holanda, somos uns desterrados em nossa própria terra. Somos incapazes de alterar o nosso destino. No lugar da idílica *Cocanha*, apenas a *Nau dos insensatos*. Em “A besta” (p. 39), o Brasil aparece como um barco desgovernado, que partiu, mas não consegue chegar a lugar nenhum. Um país que foi inventado pelos europeus, mas carece de uma mitologia fundadora democrática. No poema “Hino” (p. 40-41), o texto ironiza as falsas narrativas ufanistas que, desde o “encobrimento” de 1500, insistem em dissimular a história, a pobreza e a educação. Uma suposta ideia de identidade nacional serve como dispositivo para o falseamento das inconsistências socioeconômicas brasileiras em nome de uma harmonia descolada de uma realidade repleta de contradições. Em “Lex” (p. 51), o autor ironiza o Poder Judiciário que legitima as desigualdades sociais brasileiras, permitindo um *establishment* marcadamente alheio à ideia de justiça. A crítica aos paradigmas da justiça togada reaparece em “Convicção” (p. 62).

Elementos da retórica bolsonarista como apologia das armas, censura às artes, disciplina cívico-militar e descaso com a memória nacional são relevantes em *O fim do Brasil*. Em “Espocos” (p. 43), critica-se o fetiche pelas armas de fogo, aspecto reluzente da ideologia bolsonarista, e remete-nos ao Princípio da Precaução, de Hans Jonas, que nos alerta sobre qual mundo será o nosso legado às gerações futuras. “Biologia e psicanálise” (p. 44) apresenta um ambiente emoldurado pela vigilância, pela repressão às liberdades individuais, enfim, pela censura de conotações fascistas. Quando repórteres e criadores de charges, por exemplo, são acuados por milícias digitais instigadas pelo presidente da República, pode-se ter a certeza de que a decadência da expertise e do saber culturalmente estabelecido está sob sérios riscos de desaparecimento. Já em “Nudez” (p. 45), o olhar da vigilância e perseguição atenta sobre as manifestações artísticas, que podem sofrer censura, desqualificação das reputações dos artistas ou juízos depreciativos fundados no obscurantismo. A crítica à disciplina militar surge em “Outro perfil” (p. 47-48), que expõe o caráter odioso da retórica bolsonarista. O autor alerta sobre o risco que uma sociedade corre quando parcela dos oprimidos alia-se aos opressores. Tal fenômeno remete-nos ao *Paradoxo do senhor e do escravo*, de Hegel, à *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire, e à *Síndrome de Estocolmo*, do criminólogo e psicólogo Nils Bejerot. Em “A fogueira” (p. 49-50), Lívio Soares de Medeiros elenca atos obscurantistas, de intolerância e inquisitoriais da era Bolsonaro, que vão desde a falta de cautela na custódia da memória nacional, o preconceito contra nordestinos e misoginia até a destruição inconsequente dos biomas do Cerrado, Pantanal e Amazônia. A questão ambiental irá aparecer também com intensidade no poema “Ecológico” (p. 56).

Em “Construção” (p. 52), há uma espécie de olhar estrangeiro sobre o Brasil para denunciar as nossas representações internas como distorcidas e reprodutoras de estereótipos e mitologias de cunho autoritário. O poema “Poderes” (p. 54) é assertivo ao mostrar as perdas de todos com o Brasil estacionado na condição de pária no concerto das nações. O texto de “Reciprocidade” (p. 57) é uma reflexão sobre a fragilidade do comportamento ético dos cidadãos e cidadãs brasileiros. O poema “Odebrecht” (p. 58) diz o seguinte: “O Brasil / é um país / em desconstrução. // (Desde 1500)”. Historicamente, pode-se recorrer à *Carta de achamento do Brasil*, que termina com uma

solicitação de favor do escrivão ao Rei de Portugal, D. Manuel I (1469-1521), O Venturoso:

E pois que, Senhor, é certo que tanto neste cargo que levo como em qualquer outra coisa a vosso serviço, Vossa Alteza há de ser de mim muito bem servida. Ao Senhor peço, que por me fazer singular mercê, mande vir da ilha de São Tomé a Jorge Osório, meu genro, o que receberei como grande mercê (CAMINHA, 2021, p. 116-117).

“Alice” (p. 77) é um texto sarcástico e com uma ironia mordaz, que condena a hipocrisia da caridade feita pelos defensores da máxima *bandido bom é bandido morto*. Trata-se de uma profunda reflexão que nos remete à ideia do caráter nacional do brasileiro (Dante Moreira Leite), às limitações das sínteses elaboradas por grandes ensaístas e intérpretes do Brasil (Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Darcy Ribeiro, Carlos Guilherme Mota, Raymundo Faoro, Maria Sylvia de Carvalho Franco e outros) e à tentativa de enxergar na sociedade brasileira um *tipo ideal* weberiano.

“Urbano” (p. 60) é um dos poemas mais instigantes de *O fim do Brasil*. O texto evidencia referências na música “Construção”, de Chico Buarque, e na personagem Macabéa, do romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. O urbano é um frenesi em que traquitanas e geringonças tecnológicas imprimem tensões desnecessárias à vida, uma vertigem asfíxiante, tanto na casa quanto na rua. Os ritmos desvairados e alucinantes dos automóveis provocam tragédias cotidianas, como acidentes e atropelamentos. Em “Trânsito” (p. 71), o aspecto da violência é retomado. “Das capacidades” (p. 66) recobra o tema da violência e da estupidez, e o autor faz referência à ideia de *linchamento*. Sabe-se que o Brasil é um dos países que mais praticam o justicamento de rua no mundo, o que é um terrível espetáculo de loucura coletiva.

O poema “Chique” (p. 63) faz menção à presença de Chico Buarque na cidade natal do autor, fato ocorrido em 23 de maio de 1968, quando os músicos Chico e Toquinho e o humorista Golias se apresentaram no estádio de futebol da União Recreativa dos Trabalhadores (URT), situado entre as avenidas Paranaíba e Brasil.

“Discurso” (p. 67) é um belíssimo texto que reclama por uma paideia grega ou uma cultura civilizatória de bases iluministas, capaz de oferecer espaços para a realização das virtudes, da beleza, da paz, da gentileza, das potencialidades do intelecto e da leitura.

Em “Ana e Alessandro” (p. 80) temos: “Ana é bela. / É recatada. / É do lar. / É religiosa. / Alessandro, o amante, concorda”. Aqui, o poeta Lívio Soares de Medeiros reverbera sobre o tema da infidelidade, que, desde a *Odisseia*, com a paradigmática Penélope, até Nelson Rodrigues, com a recalcada Engraçadinha, exerce um fascínio e paradoxalmente amedronta as pessoas autodeclaradas conservadoras, temerosas sobretudo da traição. Segundo HAN (2021, p. 39), a declaração de amor é uma promessa que produz uma duração, uma *clareira* no tempo. A fidelidade é ela mesma uma forma de conclusão, que introduz uma eternidade no tempo. Ela é a inclusão [*Einschluss*] da eternidade.

“Haicais” (p. 89-97) é uma série de 26 poemas com posições bastante críticas em relação a algumas lideranças políticas e personalidades brasileiras de direita e extrema direita filofascista, como Mourão, Moro, Malafaia, Bolsonaro, Madero e Dória. Há uma exposição dos efeitos deletérios da necropolítica bolsonarista, cuja sordidez, ignorância e obscurantismo conduzem o Brasil para o matadouro.

O poema “Crenças” (p. 106) remete o leitor à noção de pós-verdade, essa epidemia que torna os fatos pouco atraentes. O esfacelamento da verdade por meio de *fake news* é pressuposto para a consolidação dos regimes autoritários e totalitários. O declínio da verdade fragiliza o papel social dos fatos e permite a proliferação de negacionistas da ciência, revisionistas da história, *anti-vaxxers* etc. Tais relativismos abrem campo para a expansão de uma direita populista, ideólogos do criacionismo e negacionistas climáticos, por exemplo. A defesa do direito à verdade é, em última instância, a defesa da própria democracia.

O súdito ideal do governo totalitário não é o nazista convicto nem o comunista convicto, mas aquele para quem já não existe a diferença entre fato e a ficção (isto é, a realidade da experiência) e a diferença entre o verdadeiro e o falso (isto é, os critérios de pensamento). (ARENDR, 2000, p. 526).

As relações perigosas entre religião e a política institucionalizada surgem em passagens de alguns poemas. Em “Ora, ora” (p. 120), o autor expõe a contradição entre o ato sublime de rezar e a defesa insensata da violência. Em “O vírus” (p. 121), o texto conduz-nos a um cenário de charlatanismo e de vulgarização religiosa, em que pastores visam a atingir frontalmente a verdade do pensamento científico. “Mandamentos” (p. 122) retoma o debate sobre a relação entre política e igrejas, na qual fiéis com formação educacional precária ficam reféns de um ambiente à espera do milagre, embriagados pela malícia e astúcia dos pastores.

“Eficácia” (p. 123) é uma súplica pelo corpo honesto, desassistido e marginalizado, em regra, vítima da eficácia da indecência e dos indecentes, que são responsáveis por forjar a história, segundo o autor. Em “Sufixo” (p. 124), a inventividade do poeta reveste-se de um jogo de palavras indagando a força do discurso e o poder da narrativa em tempos de relativismo cultural. Busca-se questionar os ataques de ódio, as *fake news* e todo tipo de violência com o humor e a acidez da sátira.

“Corpo histórico” (p. 126) é outro poema bastante denso de argumentações sobre o poder da palavra. Esta redimensiona os corpos, historiciza-os, dá-lhes possibilidades de exercerem protagonismos. É a palavra inteligente e, às vezes, silenciosa, que nos salva a todos do berro da ignorância.

“Brasília” (p. 127) é o retrato da assimetria de poderes que se destaca em um espaço cuja simetria arquitetônica e urbanística é o símbolo da racionalidade modernista. A capital do Brasil surge como espaço para a contenção de homens e mulheres comuns, edificada simbolicamente “para o povo” e não “pelo povo”.

Os cinco últimos poemas do livro encaminham o leitor da condição de estranhamento para a certeza de que é necessária a resistência, pela luta, pela poesia ou

pelo silêncio ruidoso. Em “Civil” (p. 128), há um susto com a cidadania que subitamente surge, mas, talvez, não se complete como civilidade. “Entranha” (p. 129-130) mostra o cotidiano comprometido pela melancolia, pelas ausências, por aquilo que não se tem ou não se é permitido ter. Apesar do desalento, a superação é diária, e nessa intermitência das lutas de classes é que se adquire o preparo necessário para o combate final. Em “Robusta clausura” (p. 131), o autor reitera a ideia de que o recolhimento no claustro, o tempo da recomposição, oxigena-nos para o prosseguimento da luta cotidiana. “Desobediência” (p. 132) é um hino à poesia, um metapoema que assinala a importância do tempo do estio e da maturidade. Com a poesia, resiste-se com mais vigor, com mais astúcia e por mais tempo. O último poema do livro “Palavra e silêncio” (p. 133) propõe uma tomada de fôlego, uma respiração silenciosa e, depois, resta-nos a todos aguardar o ressurgimento da resistência em palavras ruidosas.

O fim do Brasil é uma obra de fôlego, crítica da sociedade contemporânea e determinada ao enfrentamento do obscurantismo da extrema direita. A leitura do livro é bastante agradável e sedutora, permitindo ao leitor a identificação e a avaliação de problemas nevrálgicos e crônicos da sociedade brasileira. De resto, congratulo-me com Waly Salomão que dizia impiedosamente que a crítica literária acadêmica confunde alhos com torresmos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta de achamento do Brasil**. Introdução e modernização do texto: Sheila Hue. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021.

CORTINA, Adela. **Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **As 29 poetas hoje**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

STANDING, Guy. **O precariado: a nova classe perigosa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.